



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA GUARANI E TUPINIKIM  
PROLIND

EVELIM FELIPE DE SOUZA  
JOSIANE PINTO PEREIRA

**OS IMPACTOS DO USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO  
E COMUNICAÇÃO NAS RELAÇÕES IDENTITÁRIAS E  
ESCOLARES: O CASO DA ALDEIA TUPINIKIM CAIEIRAS  
VELHA**

ARACRUZ  
2022



EVELIM FELIPE DE SOUZA

JOSIANE PINTO PEREIRA

**OS IMPACTOS DO USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO  
E COMUNICAÇÃO NAS RELAÇÕES IDENTITÁRIAS E  
ESCOLARES: O CASO DA ALDEIA TUPINIKIM CAIEIRAS  
VELHA**

TCC apresentado a Graduação em Licenciatura Intercultural Tupinikim e Guarani (PROLIND) da Universidade Federal do Espírito Santo, eixo: Ciências da Natureza e Matemática.

Orientador pelo professor Dr. Edson Kayapó.

Aracruz

2022



EVELIM FELIPE DE SOUZA  
JOSIANE PINTO PEREIRA

**OS IMPACTOS DO USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO  
E COMUNICAÇÃO NAS RELAÇÕES IDENTITÁRIAS E  
ESCOLARES: O CASO DA ALDEIA TUPINIKIM CAIEIRAS  
VELHA**

Aprovado em:

Banca Examinadora:

---

\_\_\_\_\_  
Orientador

---

\_\_\_\_\_

---

\_\_\_\_\_

## RESUMO

O presente trabalho objetiva expor e analisar os impactos e as possibilidades do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Caeiras Velha, no âmbito da educação escolar indígena diferenciada. A escola está situada na aldeia Tupinikim de Caeiras Velha, localizada no município de Aracruz, estado do Espírito Santo. A problemática da pesquisa está vinculada ao incômodo que o uso das TICs tem produzido na escola e na comunidade. Do ponto de vista metodológico, o estudo se organiza a partir dos pressupostos da pesquisa qualitativa, caracterizando-se como um estudo de caso, dialogando com os referenciais bibliográficos selecionados, entrevistas com professores e lideranças Tupinikim e com imagens referentes ao caso estudado. No bojo dos debates aparecem os diversos conflitos e contradições inerentes à história do povo Tupinikim.

**Palavras-chave:** Tupinikim, TICs, aldeia Caeiras Velha, Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Caeiras Velha.

## **SUMMARY**

The present work aims to expose and analyze the impacts and possibilities of the use of Information and Communication Technologies (ICTs) in the Municipal Elementary School Caeiras Velha, within the scope of differentiated indigenous school education. The school is located in the Tupinikim village of Caeiras Velha, located in the municipality of Aracruz, state of Espírito Santo. The research problem is linked to the discomfort that the use of ICTs has produced at school and in the community. From the methodological point of view, the study is organized from the assumptions of qualitative research, characterized as a case study, dialoguing with selected bibliographic references, interviews with teachers and Tupinikim leaders and with images referring to the case studied. In the midst of the debates appear the various conflicts and contradictions inherent in the history of the Tupinikim people.

Keywords: Tupinikim, ICTs, Caeiras Velha village, Caeiras Velha Municipal Elementary School.

## LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1-** Localização aproximada do território das comunidades indígenas Tupinikim na Bahia e Espírito Santo-Brasil- Século XVI.....13
- Imagem 2-** Outdoor feito pelas empresas terceirizadas da Aracruz Celulose em 2006.....17
- Imagem 3-** Localização aproximada das comunidades indígenas Tupinikim no Espírito Santo- Brasil- 1970 – 2005.....18
- Imagem 4-** Aldeia de Caeiras Velha.....24
- Imagem 5-** Cotidiano na Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígenas Caeiras Velha.....30
- Imagem 6-** Espaço físico da escola.

## **Lista de tabelas**

<b>Tabela 1</b> - Terras Indígenas no município de Aracruz-ES.....	19
--	----

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b> .....	09
<b>2. Capítulo I - Situando o povo Tupinikim e a aldeia Caeiras Velha: de onde estamos falando?</b> .....	13
2.1. Breve histórico do povo Tupinikim.....	13
2.2. Aldeia Caieiras Velha.....	13
<b>3. Capítulo II - Educação escolar indígena e as tecnologias da informação e comunicação: diálogos possíveis</b> .....	22
3.1. Educação indígena e educação escolar indígena: um desencontro histórico.....	22
3.2. Tecnologias da Informação e Comunicação na escola: possibilidades e desafios.....	22
<b>4. Capítulo III - Diálogos da educação escolar indígena diferenciada com as TICs: o caso da Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Caeiras Velha</b> .....	29
4.1. A educação escolar indígena diferenciada.....	29
4.2. A Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Caeiras Velha: aspectos pedagógicos.....	29
4.3 Os impactos das TICs no cotidiano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Caeiras Velha.....	33
<b>5. Considerações finais</b> .....	39
<b>6. Referências</b> .....	41



## 1. INTRODUÇÃO

No atual mundo em que vivemos, ferramentas como whatsapp, facebook, instagram, youtube, meet, netflix, programas televisivos e outras redes sociais têm ganhado um papel de extrema importância na sociedade, atravessando as relações cotidianas nas escolas e nas salas de aula, seja nas cidades, na zona rural ou nas aldeias indígenas em toda parte do Brasil.

Na aldeia Tupininkim Caieiras Velha, situada no município de Aracruz, estado de Espírito Santo, os adolescentes e jovens são usuários das tecnologias da informação e comunicação (TICs), e passam longas horas diárias conectados a internet, sendo que parte significativa desse tempo é utilizado nas interações que as redes sociais proporcionam, influenciando e gerando impactos em suas vidas.

Durante a pandemia de Covid-19 foi intensificado o uso das TICs entre estudantes, com famílias e demais membros da comunidade escolar. As tecnologias se tornaram mais presentes no cotidiano escolar, uma vez que os educadores e educadoras precisaram manter a comunicação remota com os estudantes, usando aplicativos de mensagens instantâneas, plataformas de videoconferência e outros instrumentos tecnológicos pouco comuns até então.

O uso intenso dessas tecnologias tem despertado a preocupação com a queda no rendimento escolar dos estudantes. A falta de atenção durante as aulas e até mesmo a ausência de estudantes em decorrência do uso excessivo das TICs são problemas relatados pela comunidade escolar, assim como são relatados pela comunidade o desinteresse das crianças e adolescentes em relação às brincadeiras e outros hábitos tradicionais.

Se antes da pandemia o uso das TICs já era realidade na escola, com o retorno às aulas presenciais certamente tais práticas estão mais arraigadas, e a escola terá que enfrentar o desafio, não devendo ignorar ou abandonar o seu uso. O momento é de avaliar a possibilidade de torná-las ferramentas chave para a realização de pesquisas e construção de conhecimentos, tanto para períodos de distanciamento e atividades remotas quanto para períodos escolares presenciais.

Foi considerando a real presença das TICs no cotidiano dos adolescentes, jovens e suas famílias na aldeia Caieiras Velha que a presente pesquisa foi projetada, avaliando os seus impactos nas relações de ensino e aprendizagem e nas relações identitárias/étnicas.

As problemáticas que orientaram a pesquisa podem ser assim expressas: quais são os impactos sócio-educacionais causados pelo uso das TICs na EMEFI Caieiras Velha? As TICs podem vir a ser aliadas no processo de ensino e aprendizagem na escola da aldeia citada?

No bojo das análises, o estudo analisa possibilidades da gestão responsável da internet e das redes sociais nas relações sociais, e particularmente na escola. O estudo apresenta possibilidades de diálogos entre a educação escolar indígena diferenciada com as TICs.

De forma complementar, a pesquisa apresenta orientações para educandos, profissionais da educação e famílias sobre a utilização de tais meios como facilitador no processo de ensino e aprendizagem, e de fortalecimento das relações identitárias.

Quanto aos objetivos, a pesquisa estabelece como objetivo geral: analisar os impactos do uso das tecnologias da informação e comunicação (TICs)- especialmente das tecnologias audiovisuais e das redes sociais nas relações educacionais e identitárias das crianças e adolescentes da aldeia Tupinikim Caieiras Velha.

O objetivo geral se desdobra nos objetivos específicos da seguinte forma:

- Identificar o potencial da produção audiovisual e das redes sociais no fortalecimento e valorização dos saberes e tradições do povo Tupinikim;
- Identificar os desafios dos professores da EMEFI Caieiras Velha, na relação ao uso das TICs nos últimos anos;
- Analisar as possibilidades do uso das tecnologias audiovisuais e das redes sociais na consolidação da educação escolar indígena diferenciada na aldeia Tupinikim Caieiras Velha;

O tema tem sua relevância, por se reportar a uma problemática real, contextualizada com a comunidade citada. Do ponto de vista acadêmico, o trabalho trata de um tema bastante debatido, mas que pouco foca na especificidade indígena, daí observa-se um aspecto que demarca um diferencial que chega a ser inovador no debate.

Quanto à metodologia, o estudo percorreu os pressupostos da pesquisa qualitativa, caracterizando-se como um estudo de caso. Foi realizado o levantamento de informações a partir de entrevistas e observação do espaço delimitado, a escola.

A pesquisa qualitativa é uma metodologia que privilegia o entendimento indutivo ou interpretativo dos dados encontrados, sendo que as análises ocorrem a partir de um determinado recorte espacial, temporal e cultural. Sobre o tema, Soares

(2019) alerta: "Nesse sentido, confere-se à pesquisa qualitativa, um formato que vai além do que é previsível, mensurável ou informativo" (p. 169).

Definida como qualitativa, a pesquisa identifica-se como estudo de caso, já que investiga uma situação específica e com profundidade, considerando o contexto histórico, sociocultural e as especificidades do grupo pesquisado, sendo necessário o trabalho de campo, em que o pesquisador se insere no local onde ocorre a pesquisa, interagindo e deixando-se interagir naquela realidade.

Do ponto de vista procedimental, as fontes de pesquisa e as evidências foram criadas a partir de entrevistas, análises de dados coletados e observação participante, considerando e analisando as diferentes opiniões e pontos de vista dos indivíduos que participaram da pesquisa.

Foram entrevistadas pessoas que ocupam funções de liderança, professores e pais da aldeia Caieiras Velha. Devido a pandemia de Covid-19, os questionários foram aplicados via google forms, para que as pessoas entrevistadas não fossem expostas a situações de risco à saúde. Sobre a pesquisa de campo, o estudo dialoga com as considerações de Gonçalves (2001), para quem a pesquisa de campo busca a informação diretamente com a população pesquisada, exigindo do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas (GONÇALVES, 2001, p.67), e o pesquisador deve atentar a todos os momentos, gestos e expressões dos indivíduos e grupos de pessoas no campo de pesquisa.

Toda a metodologia acima proposta dialoga com a bibliografia selecionada, produzindo uma teia de narrativas históricas e análises que trazem em seu bojo as contradições, conflitos, avanços e desafios no trato do binômio povos indígenas/escolas e as TICs.

Sobre as TICs, diversos estudos apontam a impossibilidade de adiarmos os diálogos sobre os usos das tecnologias, especialmente no campo educacional, considerando que não há uma metodologia pedagógica única aplicável para todas as situações. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também estabelece a importância do seu uso nas salas de aula, indicando o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas ao uso crítico e responsável das tecnologias digitais nas escolas (BRASIL, 2017).

Nesse contexto, é preciso lembrar que incorporar as tecnologias digitais na educação não se trata de utilizá-las somente como meio ou suporte para promover aprendizagens ou despertar o interesse dos alunos, mas sim de utilizá-las com os alunos para que construam conhecimentos com e sobre o uso das referidas tecnologias.

Aqui é necessário estabelecer o conceito de tecnologias da informação e Comunicação (TICs), com a qual estamos dialogando. Assim sendo, é esclarecedora a afirmativa de que as tecnologias da informação e comunicação, ou, simplesmente TICs, são consideradas como uma terminologia que expressa o mesmo sentido das Tecnologias de Informação (GONÇALVES et al, 2018). A diferença entre ambas é que as TICs dizem respeito ao papel da comunicação moderna na tecnologia da informação, enquanto a tecnologia da informação é entendida como um conjunto de dispositivos individuais, como o hardware, o software, as telecomunicações ou quaisquer outras tecnologias que façam parte ou dêem forma ao tratamento da informação.

Assim sendo, as TICs podem ser compreendidas como todos os recursos técnicos que são acionados para o tratamento da informação de forma a contribuir, sobretudo, na esfera da comunicação (PIRES, 2010). O autor entende que o computador é uma ferramenta pedagógica responsável por melhorar a qualidade e otimizar o processo de ensino-aprendizagem.

O diálogo das fontes de pesquisa com os referenciais bibliográficos acima expostos indica possibilidades, limites e desafios no uso das TICs, tanto em termos do processo de ensino e aprendizagem, quanto em termos de valorização da identidade ética. Nesse sentido, o debate em torno da educação escolar indígena diferenciada engloba mais um elemento: as TICs.

## 2. CAPÍTULO I

### 2.1. Situando o povo Tupinikim e a aldeia Caeiras Velha: de onde estamos falando?

Inicialmente é necessário afirmar que este é um trabalho de pesquisa realizado por pessoas de pertencimento Tupinikim, portanto, trata-se de uma produção protagonizada por vozes historicamente silenciadas, que chegaram a ser brutalmente identificadas como vozes extintas. No entanto, estamos ecoando as vozes dos nossos antepassados, atualizadas no tempo presente, repletas de ancestralidade e de forças de resistência.

É igualmente importante apresentarmos o nosso povo em sua historicidade, bem como a aldeia Caeiras Velha, onde fica localizada a Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Caeiras Velha, foco das questões às quais a pesquisa se reporta.

### 2.2. Breve histórico do povo Tupinikim

Sem a intenção de aprofundar a história do povo Tupinikim, é importante iniciar afirmando que o processo de colonização do Brasil, provocou o início do processo de subalternidade dos povos indígenas no processo de construção da sociedade brasileira.

Desde criança ouvimos os relatos dos anciãos, nos quais constam que na ocasião da colonização portuguesa no Brasil, os Tupinikim do sul da Bahia sofreram um ataque violento por ordem do governador Mendes Sá. Os mais velhos contam que ficaram na margem da praia mais de uma légua de corpos de indígenas Tupinikim, que foram assassinados naquela ocasião, fora os demais que tentaram fugir pelo mar e não conseguiram e morreram afogados.

**Figura 1.** Localização aproximada do território das comunidades indígenas Tupinikim na Bahia e Espírito Santo-Brasil- Século XVI.



**Fonte:** © Base Cartográfica IBGE 2000 / © Projeto Geográfico by Geog. Rafael Sanzio A. dos Anjos – CREA 15604/D. Fonte: Barcellos, G.H., 2008 / Ferreira, C.A.R. Tupiniquim– FUNAI – Museu do Índio. Brasília, 1998. Apoio Técnico: Geog. Rodrigo Vilela / Washington Oliveira. CIGA – UNB. 2011.

Depois desse massacre, os indivíduos que restaram dos Tupinikim foram para o sul da Bahia e para o norte do estado do Espírito Santo, onde vêm resistindo entre incessantes investidas colonizadoras.

A partir de estudos arqueológicos e linguísticos, Gilsa Barcellos (2009) informa que a origem dos Tupininkim integra a família Tupinambá, que, por conseguinte, é pertencente ao tronco linguístico Tupi-Guarani. A autora constata que sua presença no Espírito Santo foi registrada no século XVI por cronistas, sendo que muitos estudos afirmam que essa presença antecedeu a chegada dos portugueses. O estudo citado afirma que quando os portugueses aportaram, encontraram, no que hoje se configura o território capixaba, os Tupiniquim, os Tamoio, os Botocudo e os Goitacás.

Schubert (2018) assinala que:

A partir de análise de documentos e relatos de viajantes, Southey concluiu em sua obra, que os hábitos e a língua dos grupos denominados Tupininkim eram semelhantes aos dos Tupinambás. Considerou que os dois grupos tinham descendência de tronco comum, contudo eram grupos separados e que se assemelhavam aos Tupinambás em hábitos e linguagem, mas que há muito tempo os

Tupinikim haviam se separado deles sendo que, do tronco comum, não restava nenhuma memória, e eles se encontravam divididos por uma inimizade de morte...(p. 67).

A autora prossegue assinalando, à luz do diálogo com outros pesquisadores, que os Tupinikim viviam pressionados, de um lado pelos colonizadores que invadiam seus territórios originários, e por outro por outros grupos indígenas rivais.

Retomando os estudos de Barcellos (2009), vemos que os Tupiniquim tiveram sua sesmaria identificada pela Coroa Portuguesa em 1610, mas somente no século XVIII ela foi demarcada, e desde então eles se estabeleceram efetivamente em trechos no atual estado do Espírito Santo. No entanto, a autora lembra que com as investidas do Império e, depois, da República, os Tupiniquim chegaram à década de 1960 com um território restrito ao município de Aracruz, abrigando 36 aldeias indígenas.

Na década de 1940, o governo do estado vendeu parte do território Tupinikim para a expansão da agricultura, como terra improdutiva, e logo depois essas terras foram transferidas para Companhia de Ferro e Aço de Vitória, COFAVI, sendo repassada em seguida para a empresa Aracruz Florestal, que produziu eucalipto em larga escala e foi expulsando paulatinamente os indígenas das suas terras.

Os anciões narram que para expandir a plantação de eucalipto, a empresa tentava comprar as terras dos indígenas e quando não conseguiam convencer, eles invadiam as terras com tratores e correntes e derrubavam tudo expulsando assim seus moradores, fato que provocava a saída dos indígenas para as cidades, de tal maneira que permaneceram apenas as aldeias de Pau-Brasil, Caeiras Velha e a aldeia Comboios.

Com a chegada dos Guaranis, formou-se uma articulação o Conselho Indigenista Missionário, CIMI, iniciando um trabalho de reconhecimento dos Tupinikim, confirmando a sua existência e documentando isso junto do Sistema de Proteção ao Índio, SPI, iniciando assim a luta pelo reconhecimento do território. Na década de 1970 a Fundação Nacional do Índio, FUNAI, reuniu algumas famílias Tupinikim e Guarani e assentou numa fazenda, que anteriormente foi um presídio em Minas Gerais, mas eles retornaram para

Caeiras Velha e decidiram fazer a autodemarcação do território em 1978. Com a chegada dos Guarani, o território retomado abrigou os dois povos.

Esse primeiro momento de retomada, que durou entre 1978 e 1983, seguido de outras retomadas, resultou na demarcação de uma faixa de terra de aproximadamente 1500 hectares, compondo as aldeias de Caeiras Velha, Pau-Brasil e Comboios. As diversas mobilizações pela conquista dos territórios originários culminaram na edição das Portarias de Delimitações (nº 1463 e 1464) em 2007, efetivando a homologação de 18.027 hectares em 2010, após aproximadamente 30 anos de luta, marcando uma história de resistência narrada cuidadosamente por Arlete Schubert na obra “Lutas Territoriais Tupinikim: saberes e lugares conhecidos (2018).

Em se tratando da história mais recente dos Tupinikim, observa-se a apropriação do seu território é um processo histórico iniciado com a chegada dos colonizadores, mas passou a ser comprometida profundamente em função dos interesses de grandes empresas instaladas no século XX, com destaque aos confronto entre indígenas e a multinacional Aracruz Celulose, conflito este que vai além da disputa pelo direito sobre o espaço, envolvendo o direito de continuar a contar sua própria história a partir do seu ponto de vista e, por muitas vezes, contrapondo-se à ideia de globalização trazida pela expansão capitalista.

Importa ressaltar que o pensamento moderno enfatiza que a globalização tem abrangido todos os espaços e culturas de forma igualitária e homogênea, num processo estruturante de aldeia global, no qual todos sofrem as mesmas influências e aceitação de processo sem conflitos ou crises. Os conflitos territoriais no município de Aracruz-ES é uma prova de que a globalização não domina de forma absoluta e nem consegue homogeneizar de forma absoluta, como defendido por diversos autores. Muito pelo contrário, pode reforçar o sentimento de pertença e a luta dos grupos atingidos, como ocorreu com a “existência” dos até então considerados extintos Tupinikim, como enfatiza Silva (2000).

Obviamente que a chegada dos grandes projetos nos territórios Tupinikim aprofundam a subalternidade, produzindo a erosão do seu modo de vida e comprometendo substancialmente os seus projetos societários. Por séculos, esse povo foi perseguido, sendo que os colonizadores utilizaram inúmeros instrumentos de coerção a fim de que estes deixassem suas terras, desde



ameaças, perseguições, incêndios de suas casas, dentre outras formas de violência.

**Figura 2.** Outdoor feito pelas empresas terceirizadas da Aracruz Celulose em 2006.



**Fonte:** <http://www.izip.com.br/blog/aracruz-contra-indios-e-movimentos-sociais.html>

A imagem acima evidencia a brutal violência tramada pelos grandes projetos contra o povo Tupinikim, realizando campanha pública de difamação dos povos originários.

No entanto, houve também resistência, especialmente nas décadas anteriores à reconquista dos territórios originários, em que parte do território que estava sob o controle da agroindústria de celulose. Tiveram momentos em que os Tupinikim conseguiram manter seus modos de vida bastante resguardados, numa condição que Silva (2000) denomina de “caboclo escondido”, para sobreviver a todas as transformações correlatas aos seus territórios e modos de vida, preservando um ideário comum, sentimento de pertença e tradições.

Atualmente os Tupinikim estão conduzindo, projetando seu território e identificando aspectos socioculturais mais relevantes, resguardados como forma de realçar e fortalecer sua identidade étnica, salientando as produções agrícolas e outras atividades que contribuem para a ação de afirmação identitária.

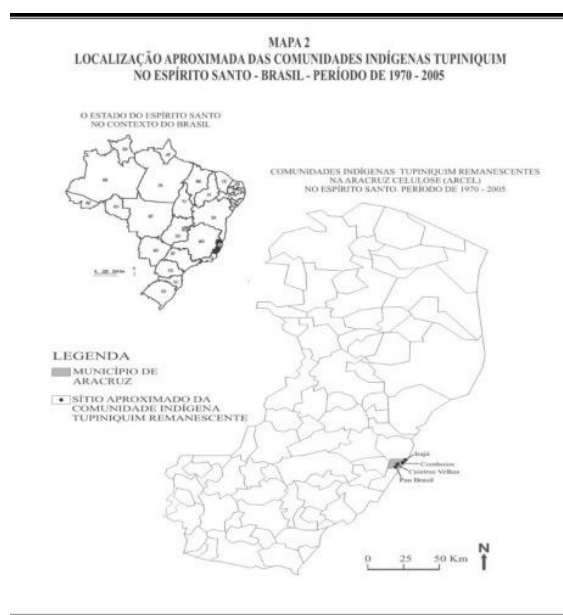
Ressalta-se que apesar das históricas investidas sobre seu território originário progressivamente reduzido, os povos indígenas Tupinikim conseguiam gerir seus espaços, produzindo através dele sua existência e suas identidades.

### 2.3. Aldeia Caieiras Velha

O município de Aracruz destaca-se pelo maior contingente indígena do Espírito Santo, em particular dos povos indígenas Tupinikim e Guarani. A aldeia de Caieiras Velhas tem a maior concentração populacional de Tupinikim. Nesta aldeia, os indígenas antigamente praticavam, e ainda em parte praticam, hábitos milenares, como a caça, pesca, coleta, segundo um sistema próprio de conhecimentos e organização socioespacial, vivendo e construindo seu modo de vida.

Os indígenas Tupinikim de Caieiras Velhas são um dos exemplos de força e luta que ainda impera num cenário de transformações, onde uma empresa capitalista global provocou mudanças no território e na cultura local. Mas o lugar também é de resistência, transformação e realização dos projetos societários daquele povo.

**Figura 3.** Localização aproximada das comunidades indígenas Tupinikim no Espírito Santo- Brasil- 1970 – 2005.



**Fonte:** © Base Cartográfica IBGE 2000 / © Projeto Geográfico by Geog. Rafael Sanzio A. dos Anjos – CREA 15604/D. Fonte: Barcellos, G.H., 2008 Apoio Técnico: Geog. Rodrigo Vilela / Washington Oliveira. CIGA – UNB. 2011.

A imagem abaixo demonstra graficamente a localização do território Tupinikim no Espírito Santo, situando particularmente a aldeia Caeiras Velha, um local em que se preservam práticas milenares e ancestrais conquistando com muita luta a demarcação de suas terras, sem temor para buscar aquilo que os Tupinikim consideram importante para os seus destinos, como o lugar que constitui a marca de sua existência.

É importante apresentar a atual disposição das terras indígenas na região:

Conforme dados da FUNAI, o atual território é constituído por três Terras Indígenas (TI): Caieiras Velhas, Caieiras Velhas II e Comboios.

**Tabela 1.** Terras Indígenas no município de Aracruz-ES.

TERRAS INDÍGENAS		
CAIEIRAS VELHAS	CAIEIRAS VELHAS II	COMBOIOS
Caieiras Velhas (Tupinikim)	Piraquê-Açú Mirim (Guarani)	Comboios (Tupinikim)
Irajá (Tupinikim)		
Pau-Brasil (Tupinikim)		
Areal (Tupinikim)		
Córrego do Ouro (Tupinikim)		

**Fonte:** Organizado por Glediana Vicente a partir das informações de Vilson Benedito (06/2014).

Ressalta-se a existência das aldeias Guarani Boa Esperança e Três Palmeiras, dentro do referido território, as quais não constam na tabela acima.

Focando as análises na aldeia Caeiras Velha, observa-se que o processo de construção, afirmação e reconstrução das tradições Tupinikim vem se realizando com forte referencial étnico, sinalizado por Sahlins (1997) como o retorno à cultura que se opera pela via da recriação e afirmação étnica.

A conquista efetiva do território originário a partir de 2007 projetou um futuro promissor no fortalecimento identitário, pois é no espaço que um grupo étnico se estabelece e se afirma, pois nele se podem realizar o fortalecimento sociolinguístico de cada grupo, o que, para Barth (2000), se estabelece como

ecologia cultural: populações com diferentes culturas podem ser pensadas como nichos nos quais os grupos estão adaptados e que, por sua vez, adaptam às suas particularidades. Como afirma Costa (2007, p. 84), “[...] no processo identitário, o espaço torna-se suporte para a produção e a manutenção do campo relacional, que constrói o conjunto de atributos vinculados à identidade que se produz”. Nesse caso, o espaço se transforma em território, que é ao mesmo tempo produzido e produtor dos processos de identificação, gerando sua manutenção.

A aldeia de Caieiras Velha é também um espaço de convergência de influências e articulações políticas de reivindicações e mobilizações indígenas. Seus moradores são servidores públicos nos arredores ou na própria aldeia, na escola e na área de saúde principalmente, sendo que alguns são empregados de empresas privadas da região.

A agricultura, caça e pesca são atividades realizadas no âmbito familiar, sem fins comerciais. Os artesanatos produzidos são comercializados, especialmente durante as festas na aldeia.

Do ponto de vista da vida comunitária, pode-se afirmar que a família e os parentes se organizam em grupos no entorno dos anciãos e formam redes de solidariedade, comunicação e aprendizados. A transmissão da cultura na família envolve uma constante intenção de preservação e continuidade, e com isso os Tupinikim de Caieiras Velha conseguem reiterar práticas ancestrais nos processos sociais, políticos e econômicos.

O tempo é registrado pela memória dos anciões e repassado às novas gerações, num intervalo que sinaliza as mudanças territoriais e culturais como marca de suas histórias de vida, apropriadas como forma de resistência e redefinição de ações futuras. A memória dos mais velhos remonta no tempo, reconstrói o passado das territorialidades exercidas. O tempo também se reflete na observação das mudanças que a empresa Aracruz Celulose gerou. Dessa forma, os dramas territoriais vividos e os modos de vida transformados inserem a marca do tempo sobre a espacialidade Tupinikim.

Atualmente, mesmo persistindo o modelo de núcleo familiar, quando as famílias unidas trabalham em prol do bem comum e os laços de parentesco se

espalham entre os quintais. Assim os indígenas de Caieiras Velhas buscam reger suas vidas, de acordo com aquilo que lhes dá sentido. A aldeia é um local que não se diluiu face ao global.

Os mais velhos contam que antigamente se produzia cal dentro da aldeia; os produtores pegavam as conchas de ostra do mangue e faziam um lugar tipo forno de carvão, e aquele espaço era chamado de caieiras, ou seja, o espaço que se colocava as cascas de ostras para poder queimar para depois socar e fazer o cal, e esse cal era usado para pintar parede, fazer aterro de piso de casa, até mesmo para jogar na plantação e essa era uma prática muito antiga aqui, e essa prática originou o nome da aldeia, porque o lugar onde fazia o cal ( caieiras) e velha porque é antigo, por isso que ficou Caeiras Velha.

### **3. CAPÍTULO II**

#### **3.1. Educação escolar indígena e as tecnologias da informação e comunicação: diálogos possíveis**

O uso das tecnologias da informação e comunicação (TICs) nas escolas indígenas é um desafio, em pelo menos duas perspectivas: primeiro pelo fato dessas tecnologias serem excludentes, no sentido de que as mesmas não estão acessíveis igualmente a todos os grupos sociais, sendo que os povos indígenas estão particularmente excluídos do seu uso, em grande medida. Um segundo aspecto diz respeito ao fato de que o uso das TICs vem acontecendo de forma descontrolada nas escolas, o que assusta as comunidades indígenas.

No caso da aldeia Caeiras Velha, tais tecnologias atreladas à internet fazem parte do cotidiano da aldeia, das crianças, adolescentes e jovens. O seu uso abusivo acabam gerando o sentimento de que as mesmas são necessariamente prejudiciais nas relações de ensino e aprendizagem na Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Caeiras Velha.

Diante dessa situação, faz-se necessário refletir sobre as relações da escola com as TICs, contextualizando e historicizando a escola na comunidade.

#### **3.2. Educação indígena e educação escolar indígena: um desencontro histórico**

As problemáticas levantadas a respeito do uso das TICs na Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Caeiras Velha é a ponta de um iceberg. Abrindo o foco do debate, percebemos que a escola foi historicamente uma agência de violação dos direitos dos povos indígenas.

A educação indígena remete a um tipo de aprendizado que é ancestral e que não depende da escola para que ocorra, pois essa educação é anterior a escola e ela faz parte da identidade do povo, e cada povo, por sua vez, tem a sua forma de educar, através dos seus rituais e de mecanismos específicos de transmissão dos saberes tradicionais.

A oralidade é um dos pilares da educação indígena, em que a criança aprende observando e ouvindo os mais velhos. A esse respeito, Taukane faz a seguinte consideração:

Desde pequenas, as crianças ouvem a narração de mitos, escutam os cânticos sagrados do *Kado*, observam e aprendem a respeitar as regras da vida em sociedade. Crescem ouvindo histórias de luta de nossos antepassados e, ouvindo-as, alimentam sua autoestima. Aprendemos fazendo junto com os mais velhos, imitando-os, e colaborando nas atividades do dia-a-dia: caçar, pescar, catar lenha, cuidar dos irmãos mais novos, socar arroz, carregar água, tecer, confeccionar trançados, com suas formas e desenhos. Nas roças, os meninos crescem ajudando no preparo do terreno para o plantio, na colheita. (TAUKANE, 1997, p. 110)

A autora, pertencente ao povo Bakairi, localizado no estado do Mato Grosso, se reporta a um aprendizado que é uma prática coletiva de sociabilidade, em que a criança ou adolescente aprende para a vida cotidiana, ressaltando o respeito aos outros, principalmente aos anciãos e ao meio.

Daniel Munduruku, outro intelectual indígena, se refere à educação indígena da seguinte forma:

Ao descobrir os vazios que o corpo possui, a criança indígena não despreza a necessidade de adquirir conhecimentos complementares. Ao contrário, percebe que é importante deleitar-se com eles em um processo de aprendizagem que passa pela leitura do entorno ambiental. Vai compreendendo, assim, que o ambiente a ser observado deixa marcas que orientam seu ser e sua própria vida. Entende que o uso dos sentidos atribui sentido às ações: a leitura das pegadas dos animais, o voo dos pássaros, os sons dos ventos nas árvores, o crepitar do fogo, as vozes da floresta em suas diferentes manifestações. Conscientiza-se que andar pela mata é muito mais que um passeio de distração ou diversão, subir nas árvores é mais que um exercício físico, nadar no rio é mais que brincadeira, que produzir seus brinquedos é mais que um desejo de satisfação, que ficar horas confeccionando utensílios e objetos é mais que uma necessidade. A criança entende, aos poucos, que em seu corpo o sentido ganha vida e voz. (Munduruku, 2010, p. 55)

O autor reafirma que a educação indígena é pautada pelos conhecimentos dos antepassados, transmitidos pelos mais velhos, que não tiveram uma formação institucional, mas que têm autoridade fundada na experiência prática acumulada, dialogando com o tempo presente com o passado.

No processo de aprendizagem indígena, a criança aprende observando e fazendo o que observa e ouve. Por outro lado, a educação indígena é demarcadora das fronteiras de pertencimento, e tais fronteiras não são

imaginárias, são reais, pois elas se expressam na forma de falar, na postura do corpo e na forma de conceber/entender o mundo, a sua origem e a origem de todas as coisas: das pessoas, dos animais, das plantas e de todas as espécies de vida.

**Figura 4-** Aldeia de Caeiras Velha.



**Fonte:** Prefeitura Municipal de Aracruz  
(<http://www.pma.es.gov.br/noticia/1097/>).

A imagem acima- momento de realização da educação indígena na aldeia Caeiras Velha, representa essa perspectiva educacional, que prescinde de prédios, móveis, livros, teorias, sirenes, estrutura burocrática e controle rigoroso do tempo. As relações estabelecidas nessa modalidade de educação ocorrem de forma espontânea, mas não desordenada, sempre sob a orientação e observação dos mais velhos. A detida observação é seguida por tentativas práticas por parte da criança, o que pressupõe erros, acertos e aperfeiçoamento das ações realizadas.

Importa frisar que cada povo tem sua forma de educar, de acordo com os seus princípios e formas de conceber e se relacionar com o mundo. A educação indígena ocorre no sentido de ensinar as novas gerações a ser parte da coletividade, visando o pertencimento de povo específico, assim cada povo



indígena tem sua maneira de educar, sendo que muitos aspectos da educação dos povos indígenas ocorrem de forma semelhante, respeitando as pessoas e as outras formas de vida, estabelecendo relação equilibrada com a natureza e o respeito aos mais velhos, por exemplo.

Na aldeia Caeiras Velha, desde a mais tenra idade a criança circula pelos espaços da aldeia, conhece as pessoas mais velhas, que cuidam dela nos diversos espaços. A educação indígena não é uma ação exclusiva dos pais, mas sim da comunidade, e nesse sentido há sempre um adulto por perto observando o grupo de crianças, chamando a atenção, alertando para os perigos e informando sobre a maneira mais adequada de conseguir fazer algo que se pretende no momento.

No que tange a educação escolar indígena, Silva (1997) esclarece que esse é o modelo de educação que busca implantar novos hábitos, suprimindo as tradicionais formas de organização social dos povos indígenas. A educação escolar entrou como corpo estranho nas comunidades indígenas, desestruturando a organização originária desses povos, ditando novas regras para o funcionamento da vida comunitária. Essa realidade se estendeu por séculos, extinguindo centenas de línguas e tradições.

Historicamente, a escola oprimiu os povos indígenas, arrancando-lhes suas identidades, sob a promessa da salvação da alma e da implantação dos hábitos ditos “civilizados”. Catequizar, civilizar, assimilar, pacificar, incorporar e abrigar são algumas das intenções explícitas e implícitas praticadas pela educação para os índios.

Desde os projetos educacionais implantados pelos jesuítas nas primeiras décadas do século XVI, passando pelas ações do Diretório dos Índios e pelas práticas integracionistas do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) e da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), veremos práticas pedagógicas violentas, etnocidas e descontextualizadas com as tradições e realidades sociolinguísticas dos povos indígenas, como demonstra o intelectual indígena Gersem dos Santos Luciano Baniwa (2006).

Depois de séculos de existência da brutal opressão por meio da escola, veremos que no final da década de 1970, os povos indígenas, com o apoio de entidades indigenistas, iniciaram os debates e a construção de uma nova proposta de educação escolar, identificada como educação escolar indígena diferenciada, intercultural, bilíngue, comunitária, específica e sustentável. Busca-se transformar a escola num instrumento de emancipação dos povos indígenas (BANDEIRA, 1997). Assim sendo a “educação para os índios” (concepção colonizadora) vem paulatinamente se transformando na educação escolar que coloca em diálogo os saberes, línguas e tradições milenares indígenas com as demais ciências e com as tecnologias não-indígenas, dentre elas, as TICs.

A educação escolar indígena diferenciada, que atualmente está em processo de construção na Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Caeiras Velha pode ser inicialmente definida como o oposto à educação escolar indígena de viés colonizador.

### **3.3. Tecnologias da Informação e Comunicação na escola: possibilidades e desafios**

Muitas escolas e professores continuam suspeitando que as TICs são instrumentos que atrapalham as relações de ensino e aprendizagem. Dessa forma, proíbem taxativamente o uso de tais tecnologias, declarando guerra a elas, sem vislumbrar possibilidades pedagógicas no seu uso.

Com todo o avanço tecnológico do mundo moderno, é possível identificar seus impactos sobre as diversas instituições sociais, bem como nas relações familiares, na cultura, na identidade e, conseqüentemente, na educação. O mundo real exige de professores e alunos o domínio de habilidades relacionadas ao domínio e uso das TICs.

Autores como Belloni (2009) defende que as tecnologias digitais são ferramentas muito presentes no cotidiano dos estudantes, devendo ser utilizadas na escola. A autora defende que a sua inserção no processo de ensino e aprendizagem exige a mudança do paradigma educacional, promovendo aprendizagem ao invés de ensino, saindo

da pedagogia instrucionista para construcionista, produzindo uma prática pedagógica de construção do conhecimento por meio desta tecnologia, mas tudo indica que esse modelo não vem sendo implantado nas escolas.

Valente (2010) sugere que a educação com as TICs só ganha sentido se estiver integrada ao currículo escolar, quando não se tornam apenas apêndices das aulas ou marketing para a escola. O autor lembra sobre a importância do letramento digital dos professores e alunos, ou seja, seu uso não pode se restringir ao automático movimento de apertar botões (alfabetizado digital), mas sim de ser capaz de usar essas tecnologias em práticas sociais.

Seguindo o rastro do mesmo entendimento, Lévy (2004), ressalta a importância de entender as TICs como um meio produzir o conhecimento, já que quem direciona o conteúdo pedagógico ainda é o professor. Mas, não é possível descartar a necessidade de se refletir acerca das novas metodologias para uso das TICs, porque, para fazer “mais do mesmo”, não é preciso usar o aparato tecnológico. Assim sendo, é necessário buscar caminhos que possibilitem a produção do conhecimento através da ótica digital, considerando que se trata de uma tecnologia amplamente utilizada pelo público escolar, diferentes usos já estão incorporados na vida de muitos estudantes, e dessa forma é necessário incluir diferentes dispositivos para viabilizar práticas pedagógicas com aplicativos, softwares, buscadores, redes sociais, com a finalidade educacional, para além do uso para entretenimento.

Portanto, cabe às escolas, aos professores e a comunidade em geral, estabelecer diálogos com as práticas cotidianas dos adolescentes e jovens, qualificando de forma crítica e ética os usos que eles fazem das tecnologias na direção de uma participação social mais efetiva, que promova experiências com práticas colaborativas e vivências culturais significativas. Além disso, cabe propiciar uma gestão adequada dos riscos e ameaças que possam ser encontrados no ambiente virtual.

Assim sendo, o uso e a apropriação das TICs têm um importante papel no processo de ensino e aprendizagem para crianças e jovens no ambiente escolar, pois segundo Moran:

As tecnologias são pontes que abrem a sala de aula para o mundo, que representam, medeiam o nosso conhecimento do mundo. São diferentes formas de representação da realidade, de forma mais abstrata ou concreta, mais estática ou dinâmica, mais linear ou paralela, mas todas elas, combinadas, integradas, possibilitam uma melhor apreensão da realidade e o desenvolvimento de todas as potencialidades do educando, dos diferentes tipos de inteligência, habilidades e atitudes (2007, p. 2).

Considera-se que o uso das TICs envolve também questões éticas, como confiabilidade de informações, segurança de dados e o direito à privacidade. Portanto, é necessário aprender a ser ético e considerar que no ambiente online estamos submetidos a regras e leis que regem nossa conduta, e que no mundo virtual não existe anonimato, pois é possível identificar de qual equipamento uma determinada ação foi realizada. De igual modo, é imprescindível saber identificar sites confiáveis e gerenciar nossos dados a fim de minimizar riscos.

Essa nova realidade exige que a escola tenha um olhar para a exposição dos riscos e consequências que a tecnologia possa ter sobre as pessoas. Portanto, o currículo precisa prever e promover não apenas a incorporação e o uso de ferramentas tecnológicas em sala de aula, mas também proporcionar aos alunos o uso responsável dessas ferramentas, dando subsídios para que sejam capazes de analisar a procedência e os riscos provenientes do uso das TICs.

No centro dos debates, é necessário refletir sobre os limites e desafios no uso dessas tecnologias nas escolas. É sabido que parte significativa das escolas e dos estudantes estão excluídos do seu acesso por questões socioeconômicas, provenientes da má distribuição de renda no país. Outro desafio é o déficit na formação dos professores para lidar com essa nova realidade, além da péssima infraestrutura de muitas escolas.

Os limites e desafios acima indicados são potencializados quando pensamos nas escolas indígenas, que frequentemente estão instaladas em locais de difícil acesso à internet e não contam com equipamentos e tecnologias que viabilizem a articulação dos currículos com as TICs.

## 4. CAPÍTULO III

### 4.1. Diálogos da educação escolar indígena diferenciada com as TICs: o caso da Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígenas Caeiras Velha

Essa pesquisa surgiu de problemas reais na escola da aldeia, quando começamos a dar ouvidos e observar o incômodo dos parentes na aldeia, especialmente na escola sobre o uso abusivo das TICs por parte dos estudantes.

Considerando que estamos nos reportando a uma escola indígena, pertencente ao povo Tupinikim, que historicamente é vítima de massacres e epistemicídios, é razoável que nos debruçamos na problemática, visando contribuir na construção da escola que esteja afinada com os nossos projetos societários.

### 4.2. A educação escolar indígena diferenciada

A educação escolar indígena diferenciada é o nome genérico que damos ao projeto de autodeterminação educacional dos nossos povos. É uma proposta curricular que busca romper com os laços opressores, construindo a escola como espaço de formação para a autonomia, para o fortalecimento das tradições e línguas maternas no diálogo intercultural.

O intelectual indígena Gersem Luciano Baniwa define essa modalidade de educação da seguinte maneira:

As escolas diferenciadas pautam suas ações e estratégias de transmissão, produção e reprodução de conhecimentos na proposta de possibilitar às coletividades indígenas a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades étnicas, a valorização de suas línguas, tradições e ciências, a defesa de seus territórios e outros direitos básicos, além de lhes dar acesso adequado às informações e aos conhecimentos técnicos e científicos da sociedade global, necessários à garantia e à melhoria da vida pós-contato. (2006, p.159)

O autor se reporta a um projeto educacional que começou a ser debatido no final da década de 1970 e nos primeiros anos da década seguinte, ganhando força legal e efetiva nos anos seguintes.

Do ponto de vista legal, a educação escolar indígena diferenciada está amparada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/1996) e em outros instrumentos legais específicos. A legislação assegura às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem. O artigo 78 da LDB estabelece que:

Art. 78. O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos:

I - proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas, a valorização de suas línguas e ciências;

II - garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não índias.

Portanto, as escolas indígenas deverão respeitar a realidade de cada povo, criando currículos que atendam a diversidade desses povos, estabelecendo o diálogo intercultural entre saberes indígena e conhecimentos tecnocientíficos.

**Imagem 5-** Cotidiano na Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Caeiras Velha.



Fonte: Evelim Souza

A imagem acima representa um momento do cotidiano da escola, numa perspectiva diferenciada, buscando o diálogo com as tradições Tupinikim.

Para alguns indígenas da aldeia, a escola assumiria a responsabilidade da transmissão de todos os conhecimentos, tradicionais e externos, dando aos pais mais tempo para cuidar das obrigações da casa, da roça, pesca, tendo a tranquilidade de que as crianças e jovens serão formados de acordo com uma sólida base científica e tradicional.

Seja como for, busca-se através da escola o fortalecimento das tradições Tupinikim (com seus cantos, danças, uso de instrumentos musicais e demais rituais), sem abrir mão das novas tecnologias e dos conhecimentos científicos.

As lideranças Tupinikim da aldeia Caeiras Velha e os professores da escola da aldeia têm buscado superar a escola colonizadora, contextualizando as suas práticas pedagógicas à realidade de aldeia, criando um calendário escolar que siga as tradições do povo, enfatizando o valor da língua materna, das memórias e histórias Tupinikim e a importância do diálogo entre os conhecimentos científicos e os saberes tradicionais.

A comunidade da aldeia Caeiras Velha busca a sua autonomia, com o fortalecimento de seus valores étnicos e direitos à cidadania. Considera-se que a escola pode ser uma agência de colaboração na promoção de tais aspirações.

Diante das pressões e diálogos do movimento indígena nacional e local com os poderes constituídos, temos avançado com o reconhecimento das categorias “escola indígena” e “professor indígena”, a implementação das formações inicial e continuada especificamente voltadas para a formação de professores indígenas, a realização de concursos públicos específicos para professores indígena, produção de materiais pedagógicos diferenciados, que dialogam com as realidades sociolinguísticas desses povos.

Há muitos desafios a serem superados, mas olhando para o passado, fica evidente que os avanços foram significativos. A confluência de todas as ações acima citadas promove mudanças efetivas no cotidiano da escola indígena, na

realização de propostas curriculares que dialogam com nossos saberes e fazeres, e que convergem com os nossos projetos societários.

Ao se reportar à implantação da escola na aldeia Caeiras Velha, o líder Tupinikim Paulo (coordenador da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil-APIB) lembra que a luta pela educação diferenciada na comunidade iniciou na década de 1990. Em entrevista, o líder conta que os Tupinikim fizeram parceria com o Conselho Indigenista Missionário- CIMI e com outras agências para a realização do magistério indígena, iniciado em 1996.

Com a formação da primeira turma de professores, foi realizado o primeiro concurso específico para professores indígenas no estado, sendo que antes do concurso, muitos Tupinikim atuavam como professores voluntários, lembra o depoente.

Paulo lembra ainda que no decorrer das lutas pela conquista do território na década de 1990, houve um acordo com o poder público, o qual previa recursos específicos para custear os estudos de indígenas Tupinikim em diversas áreas do conhecimento. Em seguida, o poder público local, em parceria com o governo do estado do Espírito Santo, criou cursos de formação para professores indígenas, fortalecendo o projeto escolar do povo.

Durante a realização do Fórum de Educação Indígena em 2001, foram debatidas a necessidade de escolas indígenas nas comunidades Tupinikim, sendo que 2001 foi criada a escola que atende do 5º ao 9º ano na aldeia Caeiras Velha. Os debates seguintes desembocaram na criação do curso de formação de professores indígenas na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), através do Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Interculturais Indígenas (PROLIND), vinculado ao Ministério da Educação- MEC.

Em entrevista, a professora Roberta dos Santos Pêgo narra que ao concluir o ensino fundamental, os estudantes ficavam sem alternativas para a continuidade dos estudos na aldeia, daí tinham que sair para a cidade, onde sofriam preconceitos e dificuldades por falta de recursos financeiros. Os diálogos das lideranças Tupinikim com o governo do estado e com a prefeitura local propiciaram a criação da escola de ensino médio na aldeia, em 2014.



Os entrevistados ressaltam que todos os avanços no campo educacional foram resultados das mobilizações das lideranças Tupinikim e dos grupos aliados, que buscaram o diálogo e pressionaram o poder público.

#### **4.3. A Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Caeiras Velha: aspectos pedagógicos**

As informações e dados aqui apresentados dialogam com o nosso relatório de estágio. São informações provenientes de observações e trabalhos de campo junto à escola.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Caeiras Velha, localizada na rodovia Primo Bitti, S/N Aracruz, Espírito Santo, mantém aproximadamente 368 alunos, com faixas etárias entre 6 a 17 anos de idade. Sendo que os alunos do ensino fundamental do 1º Ano ao 5º ano, com idades variando de 6 a 11 anos de idade, já no fundamental 2, do 6º ao 9º ano, com faixas etárias variando de 11 a 17 anos de idade.

**Imagem 6** - Espaço físico da escola.



**Fonte:** Evelim Souza

A escola possui a seguinte formação em seu quadro administrativo e pedagógico: 4 profissionais auxiliaadoras na cozinha; 2 manipuladoras de alimentos; 3 ASG para a manhã; 2 ASG para a tarde; 4 APEBES (profissionais

que cuidam das crianças portadoras de deficiência); 1 secretário; 1 assistente de secretaria; 1 bibliotecário para manhã e tarde; 2 vigias, com escalas 2 por 2 manhã e tarde; 2 assistentes de turno, 1 pela manhã e 1 pela tarde; 10 professores de 1º ao 5º ano; 2 Educação física de 1 ao 9 ano;

Professora de educação especial para atender de 1º ao 9º Ano; 1 professor de Língua Tupi para atender os alunos de 1º ao 5º ano; 1 professor de tupi para atender o 6º ao 9º Ano; 2 professores de matemática; 2 de Língua Portuguesa; 1 para a disciplina de Artes, está em processo de contratação de professor de suporte pedagógico e 1 diretora. A escola também atende alunos não indígenas, mas que residem na aldeia e seguem o currículo da escola.

A escola é de porte mediano e o espaço já não comporta a quantidade de alunos, sendo necessárias adaptações transformando biblioteca, sala dos professores e sala de informática- estava sem utilidade pois não havia equipamentos de informática- em salas de aula. As salas de aula são grandes e pouco ventiladas, com as portas voltadas para a área central circular da escola, sendo que estas possuem conservação mediana, mas bem limpas e higienizadas, totalizando 7 salas.

Os banheiros são amplos para alunos, separados em feminino e masculino, possui quadra poliesportiva com rampa de acesso para este local e possui uma secretaria. A escola foi construída em forma circular, com as salas voltadas para o centro.

O Projeto Político Pedagógico da escola está em construção, com a participação da comunidade escolar e representantes da aldeia. Todos os funcionários da escola são Tupinikim, salvo alguns casos especiais, que para completar o quadro de profissionais, a escola recebe servidores não indígenas.

Observa-se que na aldeia de Caeiras Velha moram indígenas da etnia Tupinikim e também alguns não indígenas casados com indígenas. Além da escola, na comunidade possui posto de saúde; CRAS- I (Centro de Referência de Assistência Social Indígena); o posto da Funai organizada e geridas pelos poderes públicos federais e municipais; Associação Indígena Tupinikim e Guarani e Associação Indígena de Caieira Velha, geridas pelo poder local. Na comunidade não possui nenhum local de lazer feito ou gerido por nenhum poder público.

#### **4.4. Os impactos das TICs no cotidiano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Caeiras Velha**

Como na maioria das escolas brasileiras, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Caeiras Velha convive diariamente com estudantes que mantêm estreitas relações com as tecnologias digitais.

Em entrevista, o líder Paulo Tupinikim fez a seguinte consideração:

Hoje nós vivemos em um mundo globalizado onde houve um avanço muito grande tanto nas questões tecnológicas, por parte da medicina, enfim em todas essas áreas houve avanço. Nós, como indígenas, não podemos ficar longe desse avanço, da mesma forma que o país vai se desenvolvendo, nós também temos que buscar nos desenvolver, não é o fato de ser indígena que vamos ficar pra trás...

A questão colocada pelo líder Tupinikim nos leva a refletir na importância do professor na mediação das TICs na escola indígena, já que o seu uso é inevitável e necessário. Nesse sentido, a comunidade escolar deve compreender que o discente é o construtor do conhecimento, enquanto que o professor é o responsável pela mediação entre o aluno, as TICs e o saber.

A discussão que envolve a educação escolar e TICs, deve conceber as últimas como potencial aliada no processo de ensino e aprendizagem, não sem enxergar os eventuais problemas e contradições presentes no bojo dessa relação.

Após reconhecer o potencial das TICs na construção dos projetos societários Tupinikim, o líder Paulo Tupinikim fez a seguinte observação sobre o seu uso na realidade indígena:

Existem os fatores bons e os fatores ruins sobre o seu uso. Com o avanço da tecnologia, infelizmente nós sofremos um impacto muito grande na nossa vida. Eu vou recordar um pouquinho 20 anos atrás aproximadamente quando não tinha esse negócio de internet, quando aqui na aldeia não tinha energia elétrica, quando não tinha televisão, quando não tinha nada disso, a forma que nós vivíamos e a forma que buscávamos fazer as coisas, as brincadeiras que tinham naquela época e as brincadeiras de hoje. A 20 anos atrás, por volta de 21:00, 22:00 horas tudo escuro sem ter energia e a criançada toda na rua correndo, brincando de pique-esconde, pique-latero, tinha diversas brincadeiras que não só as crianças participavam, mas também os mais velhos estavam ali no meio, e ali naquele espaço que não tinham internet e nem televisão eram contadas as histórias de como era aqui, como que funcionava, enfim, tinha essa interação, tinha essa confraternização entre as famílias. Uma família ajudava a outra a construir sua casa, uma família

ajudava a outra a fazer sua farinha, uma família ajudava a outra a matar seu porco e limpar e ali era dividido um pedaço para cada um, por que não tinha disso, da pessoa ficar vidrado no celular, sem abrir a boca para conversar com o outro, sem ter essa interação, então a tecnologia impactou muito nisso, impactou dessa forma, pois acabou criando essa desunião, acabou quebrando esse vínculo familiar que tinha dentro da aldeia, esse espírito mesmo de viver em comunidade. Hoje se a gente parar para olhar nós só vivemos um espírito de coletividade quando nós estamos em uma reunião de comunidade ou quando a gente vai para uma manifestação que há um objetivo comum, se for também uma manifestação que não tem um interesse comum não vai todo mundo, não tem essa interação, então a tecnologia ela influenciou nisso, impactou nisso aqui dentro da aldeia, não só aqui em Caeiras Velha, não só aqui no Espírito Santo, é o Brasil inteiro que teve esse impacto.

O depoente está se reportando aos impactos das TICs nas tradições, nas brincadeiras e hábitos coletivos da comunidade. Ele entende que não há como os Tupinikim se esquivarem dessas tecnologias, assim como ele aponta para a necessidade de se apropriar delas e transformá-las em instrumentos de resistência. São inegáveis os impactos, que na fala do entrevistado, são assim expressos:

Tem um lado que é bom, mas que ao mesmo tempo é ruim, ela possibilita fomentar nos espaços e isso vai para o mundo inteiro fomentar o racismo, a discriminação, disseminar o ódio em relação as comunidades indígenas. Vou citar um exemplo aqui, Bolsonaro venceu a eleição por meio da tecnologia, por meio da internet, Bolsonaro não saiu nas ruas para fazer campanha política como era feita antes, porque acredito eu que se ele saísse na rua para fazer campanha política com as propostas que tinha para sua campanha, que era não demarcar mais terras indígenas, que era botar os gays dentro de um barco e soltar no oceano, eu tenho certeza que ele não teria ganhado a eleição. Por um outro lado a tecnologia, e ai quando eu falo de tecnologia não falo apenas da internet, vamos falar da tecnologia como um todo, por exemplo na questão da agricultura facilitou um pouco, mas também facilitou a vida dos indígenas. Vou pegar na questão da sustentabilidade, quando um indígena ia produzir, se bem que forma da produção da agricultura familiar sem o uso da tecnologia ela é mais saudável, mas pensando em uma produção em larga escala para a comercialização, a tecnologia ela possibilita essa produção em larga escala e você tem um retorno maior e melhor para sua família, então isso foi um avanço para as populações indígenas, o uso das tecnologias para o desenvolvimento sustentável.

O uso da tecnologia para poder divulgar também a sua cultura, divulgar as suas práticas, o uso das tecnologias para você poder se comunicar com o outro, por exemplo Caeiras Velha queria se comunicar com Comboios, o que fazia antigamente, tinha que sair um mensageiro daqui a pé ou a cavalo para conversar com o líder de lá e depois voltar e trazer o recado, funcionava dessa forma porque não tinha estrada, não tinha carro, não tinha nada, então ia por uma trilhazinha no meio do mato e fazia isso, hoje não, com a internet você

dá um clique aqui o outro já recebeu e já tá sabendo, então você consegue se mobilizar, se organizar e partir para uma ação, além de ter facilitado na parte educacional, hoje não se consegue fazer educação sem o uso da internet, se você não tiver uma internet para você fazer os seus trabalhos e os alunos buscar, porque muitas coisas sobre os indígenas estão armazenados em um servidor onde todos os nossos aparelhos estão conectados, nossas informações estão todas lá então nós conseguimos ter acesso.

Essas são as vantagens que eu vejo relacionado a tecnologia, são coisas boas mas também os impactos que tiveram foram muito grandes, a tecnologia faz com que as famílias não se comunicam mais entre si, coisa que entre os indígenas é um costume muito grande a família sempre estar unida ali em comunhão, conversando, trocando suas experiências, hoje em dia não se você reúne a família fica cada um com seu celular sem abrir a boca para poder conversar um com o outro, então essa é minha opinião.

O entrevistado identifica facilmente os benefícios e os desafios colocados a partir do uso das tecnologias digitais e da internet, conseguindo visualizar a apropriação das TICs como instrumento de organização e resistência do povo Tupinikim.

Quando nos reportamos às TICs articuladas à educação diferenciada na escola da aldeia, o que pretendemos é o fortalecimento do nosso povo e dos nossos projetos societários, em consonância com uma sociedade efetivamente democrática. Tal sociedade pode ser construída a partir de modelos pedagógicos pautados nos saberes coletivos, sem que as máquinas substituam as relações humanas no processo educacional.

Quanto à comunidade indígena, particularmente a realidade aqui pesquisada, a aldeia Tupinikim Caieiras Velha, é necessário conceber as TICs como aliadas, assim como é preciso projetar a utilização das mesmas na escola, no sentido de fortalecer o pertencimento étnico das crianças e jovens na escola.

Refletindo sobre as possibilidades do uso das TICs na escola indígena, Pinto (2018) entendem que é necessário que os professores indígenas sejam recebam formação para utilizarem tecnologias diversas em suas práticas pedagógicas, como uma estratégia e recurso de ensino que melhor atenda às características e necessidades dos estudantes de cada povo, para que toda a comunidade possa compartilhar experiências e informações por meio de linguagens múltiplas. Nesse sentido, a inclusão digital passou a ser um objeto de luta pelos povos indígenas, pois se compreende que tal inclusão, pode estar contribuindo para o desenvolvimento educacional através de novas práticas pedagógicas que incorporem as TICs.

Portanto, as TICs podem fortalecer os movimentos sociais, facilitando a comunicação dos povos de vários lugares do Brasil. Ou seja, o uso das tecnologias nas diversas modalidades e ambientes educacionais consolida-se como parte da cultura de um povo, através das transformações e experiências vivenciadas que devem ser disponíveis a todos.

A professora Roberta dos Santos Pêgo, em entrevista falou sobre seus temores relacionados ao uso das TICs na escola, mesmo reconhecendo seu potencial para a formação da cidadania. Ela informa que muitos pais e lideranças avaliam de forma negativa o uso dessas tecnologias na escola. No entanto, a referida professora entende que é necessário rompermos o medo e agirmos no sentido de ter as TICs como instrumento de resistência, transformando-a em aliada no fortalecimento dos nossos saberes, cosmologias, língua materna e na realização do nosso projeto de autonomia.

Diante dos debates e dos posicionamentos dos professores, lideranças e outros agentes da comunidade, a temática está colocada na comunidade escolar. É evidente que as TICs estão presentes no cotidiano da escola, e não há como ignorá-las.

Nesse sentido, a comunidade escolar vem dialogando, direta e indiretamente com as lideranças no sentido de buscar os caminhos para o uso sustentável e responsável das TICs na escola, vislumbrando seu potencial possibilidade de colaborar na efetivação da educação escolar indígena diferenciada, que valorize as tradições, línguas, cosmologias e saberes. Pretende-se ver as novas gerações se apropriando das TICs como instrumento de realização da autodeterminação do povo Tupinikim.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto até aqui, fica evidente que as TICs têm aparecido para a comunidade escolar e para a comunidade Tupinikim como instrumento com potencial de colaborar no projeto de autodeterminação. Paralelamente, elas representam ameaças, perdas identitárias e desestabilização dos processos escolares.

Seja como for, a geração mais jovem da aldeia prossegue se apropriando dessas tecnologias, usando-as para diversos fins: entretenimento, lazer, ativismo e para pesquisas, entre outros. É um processo nitidamente irreversível, cabendo à escola projetar e executar ações pedagógicas que tomem as TICs como instrumentos integrantes do processo de ensino aprendizagem, especialmente em se pensando na escola como agência de realização do currículo diferenciado, voltado para o fortalecimento dos saberes, línguas, tradições, memórias e cosmologias do povo Tupinikim.

Temos acompanhado pelo Brasil a proliferação de coletivos e pessoas indígenas, se apropriando das tecnologias digitais para fins de divulgar as lutas e as histórias silenciadas desses povos. De forma convergentes, muitas comunidades indígenas têm articulado e criado projetos de inclusão digital nas aldeias, vendo nessas ações uma aliança em favor dos projetos de autodeterminação.

Nas redes sociais podemos acompanhar as mobilizações de muitas/os parentes Tupinikim, através do facebook, instagram, whatsapp, youtube, sites, blogs e outras redes virtuais. É uma forma de difundir as tradições dos povos, trazê-lo para transitar em outros espaços e fazer circular informações em tempo real.

Na escola os processos e relacionamentos com as TICs é mais restrito, ainda tímido, mas aos poucos a comunidade escolar vem percebendo a relevância dessas tecnologias na organização e fortalecimento do povo, especialmente no que diz respeito à efetivação da educação escolar indígena diferenciada.

Entre os desafios para o uso das TICs na escola, nos deparamos com a inexistência de infraestrutura, pouco espaço para a instalação de laboratórios, a própria dificuldade em adquirir os equipamentos necessários. Outro aspecto é a

ausência de formações continuadas que qualifiquem os professores no caminho do uso adequado, responsável e necessário dessas tecnologias para o projeto de autodeterminação pensado pelos Tupinikim.

Muitas ações precisam ser realizadas para a apropriação adequada das TICs pela escola. Apesar da presença da desconfiança de parte da comunidade em relação a essas tecnologias, ao final há o entendimento de que elas podem vir a ser aliadas no projeto de resistência Tupinikim.



## 6. REFERÊNCIAS

BARTH, F. Os Grupos étnicos e suas fronteiras in: **O Guru, o Iniciador e Outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, p-25-67, 2000.

BELLONI, Maria L. **O é que mídia-educação**. Campinas: autores associados, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

GONÇALVES, J. R. et al. **A evolução da tecnologia na educação**. Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros, v. 10, n. 37, p. 21-34, 2019.

LEVY, P. **A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência**. São Paulo: Editora 34, 2004.

MORAN, J. M. **Desafios na Comunicação Pessoal**. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166. Disponível em: [http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias\\_eduacacao/midias\\_educ.p.f](http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/midias_educ.p.f). Acesso em: 10/03/2022.

PINTO, Alejandra Aguilar Pinto. **O PROTAGONISMO COMUNICACIONAL-INFORMACIONAL- DIGITAL INDÍGENA NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO: ANTECEDENTES, EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS**. Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social "Disertaciones", vol. 11, núm. 2, pp. 104-127, 2018 (Universidad del Rosario). Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5115/511555883007/html/>. Acesso em 25/04/2022.

PIRES, E. G. **A experiência audiovisual nos espaços educativos: possíveis interseções entre educação e comunicação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n.1, p. 281-295, 2010.

SAHLINS, Marshal. **O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: Por que a cultura não é objeto em via de extinção**. In: Programa de Pós-

Graduação em Antropologia Social. Estudos de antropologia Social. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

SANTOS LUCIANO, Gersen. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: MEC/SECAD/Museu Nacional, 2006.

SCHUBERT, Arlete P. **Lutas Territoriais Tupininkim: saberes e lugares conhecidos**. Curitiba: Appris, 2018.

SILVA, Sandro José Da. **Tempo e Espaço entre os Tupinikim**. Campinas: UNICAMP, 2000. Dissertação de Mestrado.

Silva, Wesley Gonçalves. **O uso das tecnologias da informação e comunicação u no ensino remoto emergencial no Brasil: dificuldades e desafios**

SOARES, Simaria de Jesus. **PESQUISA CIENTÍFICA: UMA ABORDAGEM SOBRE O MÉTODO QUALITATIVO**. Revista Ciranda- Montes Claros, V. 1, n. 3, pp. 168-180, jan/dez- 2019.

VALENTE, J. A. **As tecnologias e a verdadeira inovação**. Pátio– EnsinoFundamental, Porto Alegre, v. 14, p 6 - 9, 2010. Disponível em: <[www.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/6315/as-tecnologias-e-a-verdeira-inovacao.aspx](http://www.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/6315/as-tecnologias-e-a-verdeira-inovacao.aspx)>. Acesso em: 08 abr. 2022.